

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i23.46240>

Tradução recebida em: 01/12/2022

Tradução aprovada em: 17/12/2022

Tradução publicada em: 19/12/2022

[TRADUÇÃO]

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA¹

música

Alain (Émile Chartier)

Tradução

Paula Furtado Goulart²

Michelly Alves Teixeira³

Sally Barcelos Melo⁴

Revisão Técnica

Jade Oliveira Chaia⁵

Luciano Magalhães Alves⁶

274

¹ Publicado originalmente na coleção *Les contemporains*, em 1923 organizada pela *Librairie Stock*.

² Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL-UnB) com período sanduíche no Departamento de Filosofia da Universidade de Montreal. Mestra e Graduada em Filosofia pela mesma instituição. Graduada em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). E-mail: paulie.goulart@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2446016925105012>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5453-9867>.

³ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL-UnB). Graduada em Filosofia (bacharelado e licenciatura) pela mesma instituição. E-mail: michellyteixeira@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6860370367827142>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0842-8824>.

⁴ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL-UnB). Graduada em Filosofia e em Pedagogia pela mesma instituição. Graduada em Direito pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Advogada. E-mail: sallybarcelos@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2243706158214074>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4997-0545>.

⁵ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL-UnB). Graduada em Filosofia (bacharelado) pela mesma instituição. Mestra em Desenvolvimento Local pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. Graduada em Direito pela mesma instituição. E-mail: jade.joc@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6256651921407653>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>.

⁶ Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ProFilo-UFMS). Especialista em Fundamentos da Educação pela mesma instituição. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professor de Filosofia e Língua Francesa. E-mail: magalluc1@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6407449864800462>.



Resumo: Em 1923, a Livraria Stock publicou, em uma coleção de pequeno formato *Les Contemporains*, uma série de *Propos sur l'Esthétique* escritos durante os anos de 1921-1923 e extratos dos *Libres Propos (Journal d'Alain)*. O monumental *Sistema de Belas Artes* composto por Alain através dos ensaios da guerra, acabava de ser publicado (1920) nas Edições da *Nouvelle Revue Française*. Em oposição ao *Sistema*, e por consequência introduzindo-a, esta pequena coleção de 35 *Propos*, reunidas quase ao acaso teve a virtude fulgurante de revelar aos leitores mais diversos uma grande e nova *Présence*. A tradução foi realizada por integrantes do Grupo de Tradução do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. O grupo se propõe traduzir regularmente obras de filosofia ainda inéditas em língua portuguesa e disponibilizá-las em periódicos de acesso livre.

Palavras-chave: Alain. Émile Chartier. Estética.



XX. MÚSICA

276 Diz-se geralmente que Chopin celebrou, em suas *Polonaises* ou *Valses*, os infortúnios de sua pátria ou os tormentos do seu próprio coração. Mas o músico escapa a estes julgamentos literários por aquela modéstia em ação, que é a alma da música. Aqui se pode pensar, talvez, em algum músico enfático, mas proponho esta ideia, que o menor traço de ênfase ou inchaço, como se gostaria dizer, desonra a música bem como a estatuária; ainda mais claramente a música, porque a música, como uma bandeirola no ar, se deforma pelos mais tênues abalos de raiva, orgulho ou vaidade. O cantor testemunha como isso é necessário, pois lhe falta a modéstia, por pouco que seja, o som torna-se um grito e ofende os ouvidos; ao mesmo tempo, o ritmo está deslocado e a frase é rompida. A virtude do violinista e do pianista é da mesma qualidade. Todo o poder do quarteto de cordas, quando revive algum trabalho imenso de Beethoven, provém do fato de os artistas se tornarem servos da música e, assim, nada mais exprimirem que a natureza humana purificada. Chopin confessava ingenuamente quando publicou, sob o nome de *Préludes* e *Estudos*, composições comoventes das quais algumas atingem o sublime. Mas o homem solicita à música um relato de seus efeitos mágicos, e não compreendendo o ponto que a negação apenas da existência inquieta e ansiosa é o todo sublime, ele procura algum deus exterior, que seria um objeto ou uma ideia; esta busca é idolatria propriamente dita.

Observei na ação de um poderoso pianista, bastante conhecido pelo privilégio de se igualar, tanto quanto se pode esperar, o Beethoven das três últimas sonatas. Ele deu-me uma ideia do próprio Beethoven que improvisa na tecla. Era a máscara surda e cega. Nesta forma humana, todo o desejo de agradar ou de comover foi apagado. Então nasceu o canto, sob a única lei de responder a si mesmo, de se continuar a si mesmo, e de se realizar de acordo com a sua lei interna, sem qualquer perturbação exterior. Assim, improvisava o Mestre do Tempo, primeiro dando a si próprio matéria por uma espécie de tumulto rico em começos e disciplinado por um ritmo forte, e depois desenvolvendo esta riqueza de acordo com todas as expectativas, assumindo e pondo em prática todas as sonoridades suspensas, até ao triunfo do movimento retido, onde os próprios silêncios são contados, o ritmo desfeito, a sonoridade superada, o tempo entregue e submisso. É a conservação do poder consigo mesmo. O sinal é a negação dos sinais; assim, este poder é exercido em todos, nestes momentos preciosos, sem qualquer farsa. Talvez seja necessário ter suspenso, de qualquer forma, por seu lugar, ter pesado e mensurado um momento, este augusto silêncio, para encontrar, assim, o Tempo nos jogos e variações, objetos submissos, pensamentos transparentes.



Metáforas ainda; literatura inda; mas pelo menos mais próximo do objeto e reduzido à forma do objeto, em via de nos lembrar que a música é apenas música, que termina em si mesma e se basta. Isso esclarece, ao mesmo tempo, as outras artes, que não são menos tentadas pela ênfase e pelo sofrimento, mas talvez menos rapidamente punidas.



REFERÊNCIAS

- ALAIN. *Propos sur l'esthétique*. 1ª edição. Paris: Les Presses Universitaires de France (PUF), 1949. Disponível em: <http://ark.bnf.fr/ark:/12148/cb37158481d>. Acesso em: 25 maio, 2021.
- ALAIN [Émile Chartier]; OLIVEIRA CHAIA, J.; ALVES TEIXEIRA, M.; LACOUR, P. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTÉTICA: da metáfora. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 11, n. 22, p. 269–272, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.44425>.
- LACOUR, P.; MATOS LIMA MELO, F.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MENDES SBERVELHERI, M.; ALVES TEIXEIRA, M.; SANTOS DOS PRAZERES, R. A Noção de Objeto, de Alain (Émile Chartier). *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 9, n. 2, p. 181–192, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v9i2.41822>.
- LACOUR, P.; OLIVEIRA CHAIA, J.; MENDES SBERVELHERI, M.; ALVES TEIXEIRA, M.; SANTOS DOS PRAZERES, R. O Culto da Razão como Fundamento da República, de Alain (Émile Chartier). *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 9, n. 3, p. 373–380, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v9i3.41746>.

